

## O IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF PELA MÍDIA: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA

Fábio Coquieri<sup>1</sup>

Doutorando em Língua Portuguesa pela PUC-SP

### RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo investigar como uma publicação midiática, a revista *Veja*, mobilizou recursos verbais e não verbais para promover o processo de impeachment da ex-presidenta Dilma Vana Rousseff, que governou o Brasil de 2011 a 2016. O *corpus* analisado consiste em uma capa da referida revista. A hipótese que orienta a investigação envolve a ideia de que os métodos midiáticos de divulgação de informações sobre o impeachment de Dilma Rousseff não foram imparciais. Para atingir o objetivo proposto, aplicam-se estudos teóricos do Círculo de Bakhtin, mais especificamente da teoria dialógica da linguagem, com especial ênfase nas noções de relações dialógicas e de gênero do discurso. Os resultados encontrados nesta pesquisa nos mostram o poder discursivo presente na mídia.

**Palavras-chave:** Bakhtin. Processo de impeachment de Dilma Rousseff. Relações dialógicas. Dialogismo. Gênero de discurso.

### ABSTRACT:

The present study aims to investigate how a media publication, *Veja* magazine, mobilized verbal and non-verbal resources to promote the impeachment process of former President Dilma Vana Rousseff, who governed Brazil from 2011 to 2016. The corpus analyzed consists of a cover of said magazine. The hypothesis guiding the investigation involves the idea that the media methods of disseminating information about Dilma Rousseff's impeachment were not impartial. To achieve the proposed objective, theoretical studies from the Bakhtin Circle are applied, more specifically the dialogical theory of language, with special emphasis on the notions of dialogical relations and discourse genre. The results found in this research show us the discursive power present in the media.

**Keywords:** Bakhtin. Dilma Rousseff's Impeachment process. Dialogical relations. Dialogism. Speech genre.

### Considerações iniciais

A presente pesquisa tem como objetivo investigar como foi construída pela mídia a legitimação do processo de impeachment da presidenta Dilma Vana Rousseff, considerando um caso específico. Sabe-se que Dilma foi afastada definitivamente da presidência do Brasil em 31 de agosto de 2016, e a concretização do impeachment percorreu um longo caminho até ser legitimado. Durante os anos 2015 e 2016, a então presidenta enfrentou diversos protestos e represálias, que visavam contribuir para sua destituição do poder. O processo de impeachment foi motivado por argumentos jurídicos muito fracos. Apesar disso, observa-se

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: fabio.coq@gmail.com

que os meios de comunicação utilizaram recursos verbais e não verbais para propagar e divulgar as informações que lhes eram mais convenientes.

A hipótese que orienta a investigação envolve a ideia de que os métodos midiáticos de divulgação de informações sobre o impeachment de Dilma Rousseff não foram imparciais. Pode-se observar que durante o seu governo algumas iniciativas, como a democratização da mídia, não foram bem recebidas pelos meios de comunicação mais influentes que detinham monopólios de informação. Assim, argumenta-se que a mídia molda a divulgação de informações para tornar legítima e tendenciosa a postura ideológica daqueles que buscam favorecê-la. Além disso, beneficia-se do discurso da imparcialidade para promover, implicitamente, uma determinada forma de pensar e agir na sociedade brasileira.

Tal como o texto discute, os principais meios de comunicação social detêm um poder significativo na formação da percepção pública e na influência da informação que é revelada à população. Eles são dotados da capacidade de manipular o que será relatado e o modo como será apresentado, muitas vezes definindo a narrativa dos acontecimentos com base nos seus interesses privados e corporativos.

Diante desse cenário político, esta pesquisa tem como objetivo analisar uma capa da revista *Veja* publicada em 2015. O objetivo é demonstrar como a mídia empregou estratégias discursivas para impedir a permanência de Dilma no cargo. Isso está alinhado com o entendimento mais amplo de que os meios de comunicação social podem ter um impacto substancial no discurso político e na tomada de decisões, enquadrando e apresentando informações de forma que sirvam os seus interesses e agendas.

### **O Círculo de Bakhtin**

Segundo Faraco (2009), Bakhtin foi um importante filósofo, cujo trabalho teve um impacto significativo no entendimento da linguagem e da comunicação. Sua abordagem única enfatizou a importância da interação social e cultural na construção do significado. Bakhtin desenvolveu conceitos fundamentais, como a dialogia, a heteroglossia e a polifonia, que revolucionaram a compreensão da linguagem como um fenômeno dinâmico e multifacetado.

Pavel Medvedev e Valentin Voloshinov, outros dois membros proeminentes do Círculo de Bakhtin, também desempenharam papéis importantes no desenvolvimento da

teoria linguística e literária. Sua colaboração resultou em obras influentes que exploraram as complexidades da linguagem e sua relação com a sociedade e a cultura.

O Círculo de Bakhtin deixou um legado duradouro nos campos da teoria literária, da linguística e dos estudos culturais, influenciando as gerações subsequentes de estudiosos. Sua abordagem interdisciplinar e sua compreensão da linguagem como um fenômeno social continuam a ser fontes de inspiração e debate na academia contemporânea.

A escolha do nome do grupo se deu pelo fato de Bakhtin ter sido o membro que produziu a obra de maior importância. Faraco (2009, p. 14) afirma sobre Bakhtin:

Apreciando sua obra retrospectivamente e considerando a amplitude de seus temas e densidade de suas reflexões, o melhor que se pode dizer dele (seguindo hoje uma tendência internacional) é que foi um filósofo, talvez um dos mais importantes do século XX, embora seu ostracismo por mais de trinta anos tenha impedido a circulação e o debate de suas ideias até praticamente a década de 1970.

Pavel Medvedev nasceu em 1892, em São Petersburgo. Formou-se em Direito e atuou como professor e gestor na área da cultura. Infelizmente, ele veio a falecer provavelmente em 1940, vítima dos expurgos políticos que dominavam a União Soviética no final da década de 1930. Segundo Faraco (2009), Medvedev direcionou suas reflexões para o estudo da literatura a partir de uma crítica detalhada das ideias dos formalistas.

Já Valentin Voloshinov nasceu em 1895, também na cidade de São Petersburgo. Formou-se em Estudos Linguísticos e fez pós-graduação na mesma área, atuando como professor. Concentrou seus estudos na questão da linguagem e faleceu em 1936, vítima de tuberculose.

Segundo Faraco (2009), ao observar as obras do Círculo de Bakhtin, é notável a presença de dois grandes projetos intelectuais: a intenção de construir uma “filosofia primeira”, ou de base, e contribuir para a construção de uma teoria marxista da criação ideológica. Nesse sentido, a linguagem foi tema dos estudos do Círculo desde o seu início e se faz presente desde os primeiros textos, construindo uma filosofia de linguagem.

Ainda hoje existem, devido a distintas circunstâncias históricas, muitas dúvidas sobre a real autoria das obras publicadas pelos integrantes do Círculo. Algumas delas foram publicadas como sendo de autoria de Voloshinov e/ou de Medvedev e depois foram atribuídas a Bakhtin, e existem estudiosos que defendem a tese de que as obras eram realmente de autoria dos dois primeiros. Seja como for, sabemos que o Círculo trouxe grandes

contribuições para os estudos linguísticos, formulando uma filosofia de linguagem peculiar, capaz de influenciar a linguística moderna com um novo paradigma teórico.

### **A perspectiva bakhtiniana sobre a linguagem**

Na abordagem bakhtiniana, a língua é concebida como essencialmente social, tendo suas bases fundamentadas nas necessidades e nos contextos da comunicação humana. Para Bakhtin (2016), o indivíduo adquire a língua por meio de uma relação dialógica com o outro, e é nessa interação que se constrói o conhecimento sobre o mundo e sobre a própria língua. Dessa forma, a aquisição ou aprendizagem da língua ocorre na interação verbal, e ela se constitui na dialogia, sendo analisada por essa teoria em seu pleno funcionamento.

De acordo com Bakhtin (2016), a língua evolui historicamente na comunicação verbal concreta, sendo muito mais do que um mero instrumento; é a base de todas as atividades sociais, devido ao seu dinamismo. Portanto, a língua não apenas sobrevive mas também se constitui na e pela interação verbal entre os sujeitos.

Na perspectiva bakhtiniana, a língua não é apenas um conjunto de variedades formais; conforme aponta Faraco (2009, p. 57):

[...] Aquilo que chamamos de língua não é só um conjunto difuso de variedades geográficas, temporais e sociais (como nos ensinam a dialetologia, a linguística histórica e a sociolinguística). Todo esse universo de variedades formais está também atravessado por outra estratificação, que é dada pelos índices sociais de valor oriundos da diversificada experiência sócio-histórica dos grupos sociais. Aquilo que chamamos de língua é também e principalmente um conjunto indefinido de vozes sociais.

Assim, na teoria bakhtiniana, a língua se manifesta nas interações dos falantes, gerando sentidos por meio das interações de comunicação. A interação verbal ocorre por meio de enunciados de caráter dialógico. Para Bakhtin (2016), a enunciação é o ato de fala determinado pelo contexto e produzido na interação verbal. Em outras palavras, a fala ocorre na interação entre os sujeitos e só pode produzir sentido quando inserida em uma situação contextualizada específica. O enunciado é considerado a unidade real da comunicação verbal, sendo todo o processo de interação conduzido por meio de enunciados.

[...] o discurso só pode existir de fato na forma de enunciados concretos de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e

fora dessa forma não pode existir. Por mais diferentes que sejam as enunciações pelo seu volume, pelo seu conteúdo, pela construção composicional, eles [os enunciados] têm como unidades da comunicação discursiva peculiaridades estruturais comuns, e antes de tudo limites absolutamente precisos (Bakhtin, 2016, p. 28-29).

Bakhtin (2016) explica que os limites do discurso são definidos pela alternância entre os sujeitos. Nenhum sujeito ocupa uma posição fixa na interação; há uma alternância de locutores, em que, assim que um termina seu enunciado, a palavra ou a compreensão ativamente responsiva passa para o outro. Esse processo ocorre sucessivamente, em um ciclo de ora ouvinte, ora falante. Conforme Pereira e Rodrigues (2014, p. 182) destacam: “todo enunciado suscita resposta(s), que é um ato de valoração sobre o enunciado do outro”. Cada enunciado traz consigo uma expressão, um tom avaliativo que o locutor assimila e reelabora.

Segundo Bakhtin (2010, p. 289), cada enunciado é único, concreto, constituindo sempre um novo acontecimento, irrepetível no discurso: “[O] enunciado é a postura ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido”. Devido à sua natureza dialógica, os enunciados estão interligados uns aos outros por meio de relações dialógicas, ou seja, por relações de sentido, e não apenas formais. Além da alternância dos sujeitos no discurso, o enunciado proferido pelo locutor possui sua própria conclusibilidade específica: seu acabamento interno permite ao interlocutor tomar uma posição de resposta ao que foi enunciado.

Bakhtin (2010) também enfatiza que os enunciados são expressivos, carregados de ideologia e valoração, respondendo aos enunciados dos outros.

O enunciado é a instância da expressão da posição valorativa do seu autor frente ao objeto do seu discurso e aos outros participantes da comunicação discursiva e seus enunciados (já ditos, prefigurados). O momento expressivo está presente em todos os enunciados, pois não pode haver enunciado neutro; a expressividade é uma característica do enunciado, não é uma propriedade da língua (sistema) (Rodrigues, 2007, p. 161).

Assim, todo enunciado responde, de uma forma ou de outra, a outros enunciados que o antecederam na corrente de comunicação discursiva, sendo, como visto, um evento único que não se repete. O enunciado possui tanto autor quanto destinatário, pois sempre é direcionado a alguém e espera, por conseguinte, uma compreensão responsiva e ativa ao que foi enunciado. Em outras palavras, o enunciado está sempre voltado tanto para o seu próprio objeto quanto para o discurso do outro. Portanto, tanto o endereçamento quanto o direcionamento são

características constitutivas do enunciado. Esse direcionamento, que evoca uma compreensão ativa-responsiva, é determinado pelo campo de atividade humana do qual faz parte.

É crucial, para entender o enunciado, compreender a noção de dialogismo. Nenhum enunciado existe isoladamente; todo enunciado está vinculado a outros por meio de uma relação dialógica. Quando um enunciado é colocado lado a lado com outros no plano do sentido, ou mesmo quando está separado de outros no tempo e no espaço, ele estabelece uma relação dialógica. Para Bakhtin (2016), portanto, o dialogismo ocorre tanto entre os interlocutores quanto entre os discursos.

### **Os gêneros do discurso**

Conforme Rodrigues (2005), há duas considerações prévias importantes ao estudo dos gêneros na perspectiva dialógica da linguagem de Bakhtin. A primeira refere-se à variação terminológica presente nas obras do Círculo de Bakhtin, atribuída ao processo de tradução dos textos ou à preferência de Bakhtin por variar as terminologias. Bakhtin considerava essa variação um diálogo com o passado e o futuro na elaboração teórica dos conceitos, não uma falta de conceitos. A segunda consideração está relacionada à associação das noções de gênero do discurso com as noções de interação verbal, como língua, enunciado, texto, discurso, comunicação discursiva e atividade humana.

De acordo com Rodrigues (2005), Bakhtin define os gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciados ou formas relativamente estáveis e normativas do enunciado. Nesse contexto, “tipo” não se refere a uma sequência textual, mas sim a uma tipificação social dos enunciados, constituída em uma situação de interação relativamente estável, porém não fixa.

Segundo Bakhtin (2016), os gêneros surgem em nossas vidas de maneira semelhante à língua materna. Aprendemos a moldar nosso discurso em forma de gênero, sendo capazes de identificar o gênero empregado pelos outros por meio de sua forma composicional. No entanto, Bakhtin ressalta que as formas dos gêneros são mais flexíveis e livres do que as formas da língua.

Os gêneros do discurso, comparados às formas da língua, são bem mais mutáveis, flexíveis e plásticos; entretanto, para o indivíduo falante eles têm significado normativo, não são criados por ele mas dados a ele. Por isso um enunciado singular, a despeito de toda a sua individualidade e do caráter criativo, jamais pode ser considerado uma combinação absolutamente livre

de formas da língua, como o supõe, por exemplo, Saussure (e muitos outros linguistas que o secundam), que contrapõe enunciado (*la parole*) como ato puramente individual ao sistema da língua como fenômeno puramente social e obrigatório para o indivíduo (Bakhtin, 2016, p. 42-43).

Bakhtin (2016) enfatiza que as formas típicas de endereçamento e os diferentes tipos de destinatários exercem uma influência determinante na escolha dos diversos gêneros do discurso. Cada gênero é moldado ao longo do tempo para atender às peculiaridades da esfera em que opera. Afirma Rodrigues (2005, p. 164):

O que constitui um gênero é a sua ligação com uma situação social de interação, e não as suas propriedades formais. Por exemplo, embora se possam encontrar traços formais semelhantes entre os gêneros biografia científica e romance biográfico, eles são gêneros distintos, pois mesmo que os valores “biográficos” (princípio organizador da narrativa que conta a vida de um outro, ou da própria vida, na autobiografia) sejam compartilhados pela ciência e pela arte, eles se encontram em esferas sociais diferentes, com funções discursivo-ideológicas distintas (finalidade histórico-científica e finalidade artística).

Ainda segundo Rodrigues (2005), essa situação social de interação pode ser articulada com a noção de cronotopo. O conceito de cronotopo foi desenvolvido por Bakhtin principalmente para os estudos do romance, mas sua aplicação também pode se estender ao domínio dos gêneros. Originário do grego — *crono* (“tempo”) + *topo* = (“lugar”) —, o cronotopo expressa a relação do indivíduo com o tempo e o espaço. Conforme já discutido neste trabalho, cada gênero é elaborado de acordo com a atividade humana em diferentes esferas sociais: do trabalho, íntima, jornalística, científica, entre outras. O campo predominante de existência de cada gênero é denominado de cronotopo. Rodrigues (2005, p. 165) afirma:

[...] cada gênero está assentado em um diferente cronotopo, pois inclui um horizonte espacial e temporal (qual esfera social, em que momento histórico, qual situação de interação), um horizonte temático e axiológico (qual o tema do gênero, qual a sua finalidade ideológico-discursiva) e uma concepção de autor e destinatário.

Segundo Rodrigues (2005), na perspectiva bakhtiniana, o gênero é entendido como um tipo relativamente estável de enunciado que envolve o seu acabamento. Esse acabamento ocorre na relação histórica, pois os gêneros, após constituídos de forma dialética, passam a exercer, de certo modo, um efeito normativo nas interações sociais, enquanto também representam uma atividade social da língua.

Rodrigues (2005) continua explicando que, sempre que um novo gênero discursivo emerge em uma determinada esfera, amplia-se o repertório, e isso influencia os gêneros antigos da mesma esfera. Ela também destaca que, na ausência de condições sociocomunicativas para produzir um determinado gênero, este desaparece. Os gêneros estão constantemente se atualizando, em um movimento de renovação e continuidade.

Fiorin (2006) complementa, afirmando que Bakhtin conceitua os gêneros considerando o processo de sua produção, baseando-se na conexão natural entre o uso da linguagem e as atividades humanas. Os gêneros são percebidos em sua função essencial no processo de interação social, em diversas esferas de atividade. O conteúdo temático, a construção composicional e o estilo são elementos que compõem o todo do enunciado, refletindo a especificidade de sua esfera de ação.

O conteúdo temático refere-se ao domínio de sentido presente no gênero discursivo. Por exemplo, no gênero da capa de revista, o conteúdo temático envolve a escolha e a organização dos tópicos, incluindo a seleção da notícia mais importante destacada na capa, bem como outras notícias consideradas relevantes para estar ali. O ponto de vista refletido nessas escolhas é constante, enquanto os assuntos podem variar.

O estilo de linguagem abarca a seleção dos recursos lexicais, gramaticais e fraseológicos da língua, permitindo ao interlocutor uma compreensão ativa e responsiva do que está sendo enunciado. Há diversos tipos de estilos, como os oficiais, utilizados em documentos formais, e os familiares, marcados pela informalidade. Existe ainda a construção composicional, que se refere à organização e à estrutura do texto. Por exemplo, no gênero da carta, há uma ordem específica para a disposição de elementos, como data, assunto, destinatário, remetente, entre outros, o que facilita a compreensão do gênero em questão.

Fiorin (2006) destaca a variedade infinita de gêneros, cada um intimamente ligado a uma esfera de atividade e diferenciando-se de acordo com posição social, situação e tipo de relação que se pretende estabelecer ao utilizar determinado gênero discursivo.

Bakhtin (2016) categoriza os gêneros em dois grupos: primários e secundários. Conforme Fiorin (2006), os gêneros primários são os mais simples, predominando neles a oralidade e estando associados a contextos imediatos, como uma conversa telefônica ou um bate-papo. Já os gêneros secundários são mais complexos e elaborados, predominantemente escritos, como artigos científicos ou ensaios. Fiorin (2006) ainda explica que os gêneros secundários absorvem e transformam os gêneros primários, à medida que estes deixam de estar ligados apenas ao contexto imediato do cotidiano para integrar esferas de comunicação mais

elaboradas. Por exemplo, as cartas (um gênero primário), ao fazerem parte de um romance (um gênero secundário), passam a contribuir para a totalidade desse romance. Adicionalmente, os gêneros secundários também podem influenciar os primários, como quando uma narrativa se desenvolve a partir de um bate-papo. Além disso, os gêneros podem se mesclar, como um anúncio publicitário estruturado com uma receita culinária, gerando novas significações.

### **A política brasileira em 2015**

O ano de 2015 foi marcado por uma série de eventos que agitaram a política brasileira. A tensão que começou durante o período eleitoral de 2014 continuou a se intensificar, com manifestações contra Dilma Rousseff ecoando ao longo de todo o ano seguinte. Panelaços intensos foram registrados em pelo menos 22 estados do Brasil. Em agosto do mesmo ano, surgiram manifestações em várias cidades do país, pedindo a saída do governo do Partido dos Trabalhadores (PT) e o impeachment de Dilma. Paralelamente, houve também movimentos sociais contrários ao impeachment da presidenta eleita, que organizaram protestos em apoio ao seu governo em diversas regiões do Brasil.

No final do ano, as manifestações em apoio a Dilma ganharam mais força, reunindo cerca de 300 mil pessoas, incluindo diversos movimentos sociais, sindicatos e o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Entretanto, no início de dezembro, o processo de impeachment de Dilma foi iniciado pelo então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, após aceitar uma denúncia por crime de responsabilidade feita pelos advogados Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal, juntamente com o procurador de justiça aposentado Hélio Bicudo.

Em 7 de dezembro, uma Comissão Especial foi designada para analisar o pedido de impeachment e conduzir o processo. As acusações contra Dilma incluíam supostas violações da lei orçamentária e da lei de improbidade administrativa, bem como suspeitas de envolvimento em atos corruptos relacionados à Petrobras, que já estava sob investigação na Operação Lava Jato. No entanto, essas acusações foram contestadas por juristas e representantes do Ministério Público, que argumentaram que as chamadas “pedaladas fiscais” não constituíam crime de responsabilidade e que o procedimento de impeachment estava em desacordo com a Constituição Federal.

No mesmo ano, também houve manifestações pedindo a renúncia de Eduardo Cunha da presidência da Câmara dos Deputados, devido às investigações da Polícia Federal e do

Ministério Público Federal sobre acusações de corrupção envolvendo contratos da Petrobras e transferências de dinheiro para contas no exterior.

### Análise da capa

Nesta seção, será analisada a capa escolhida, de 2015. A metodologia adotada para a análise dialógica da capa da revista *Veja* envolve o exame tanto dos elementos verbais quanto dos visuais que compõem a estrutura composicional desse gênero discursivo, levando em consideração as relações enunciativas presentes.

Para Bakhtin (2016), o discurso encontra a ideologia como elemento participativo da realidade social, refletindo outra realidade fora de si. Nesta pesquisa, a partir da constituição e da construção do contexto político e social de quando a revista *Veja* criou a capa em análise, torna-se possível identificar as escolhas discursivas desse dispositivo midiático e, a partir daí, examinar seu posicionamento avaliativo e ideológico.

A capa analisada está reproduzida na Figura 1:



Figura 1 – Capa “O Brasil pede socorro”

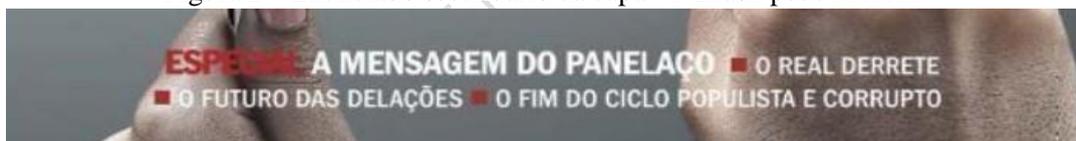
Fonte: Revista *Veja*.

Na análise da capa, é possível perceber que o foco principal da revista são os protestos populares, conhecidos como “panelaços”, que aconteciam em vários pontos do Brasil na época. Em agosto de 2015, inúmeras manifestações levaram milhares de pessoas às ruas, tanto em oposição como em apoio ao governo de Dilma Rousseff. Contudo, pode-se observar que a revista destacou apenas os movimentos contra o mandato da então presidenta.

Ao optar por criar uma conexão dialógica entre o elemento visual que apresenta mãos batendo panelas (representando o “panelaço”) e o enunciado “O Brasil pede socorro”, a revista transmite sutilmente a informação que o povo brasileiro, em geral, está insatisfeito com o governo da então presidenta e sai às ruas em busca de ajuda. Ao bater panelas, o povo exige seu afastamento por meio de um processo de impeachment. Na capa, podemos perceber que a revista menciona apenas um lado da situação — a oposição ao governo —, ao mesmo tempo que ignora as milhares de pessoas que saíram às ruas em apoio a Dilma e sua presença contínua no Palácio da Alvorada. Excluir uma parcela da população — aqueles com opinião contrária à saída da ex-presidenta — do que foi retratado na capa como o “povo brasileiro” confirma o princípio de que tudo o que é produzido em termos de linguagem está intrinsecamente relacionado à ideologia, sendo movido por um interesse específico e acentuado por tom avaliativo.

Abaixo da imagem e do depoimento principal, a capa apresenta um depoimento secundário (Figura 2):

Figura 2 – Enunciado secundário da capa “O Brasil pede socorro”



Fonte: Revista *Veja*.

Aqui é possível perceber que, por meio do que seria uma reportagem especial, a revista dá a entender que revelará a verdade por trás do “panelaço” e como a era do PT chegou ao fim, com o objetivo de levar o leitor a acreditar que o impeachment poria fim a toda a corrupção no Brasil. A seguir, são analisados um por um os depoimentos destacados como especiais pela revista:

- **A mensagem do panelaço:** Aqui, a revista declara que explicará o que o povo está tentando transmitir ao se engajar em um “panelaço”, que, nesse caso, é uma demonstração de sua indignação contra o governo da então presidenta Dilma Rousseff.
- **O real derrete:** Com esta afirmação, entende-se que a revista pretende sugerir que o governo Dilma estava desmoronando sob o peso das acusações feitas contra ela e da

visível oposição do povo.

- **O futuro das delações:** Essa afirmação é utilizada pela revista para enfatizar a suposição de que ela traz informações importantes sobre o que acontecerá no futuro no que diz respeito aos depoimentos. Aqui, a falta de neutralidade da revista torna-se aparente, na medida em que ela faz afirmações futuras sobre um evento que ainda não se concretizou, fornecendo indicações claras do seu poder na legitimação do processo de impeachment de Dilma.

**O fim do ciclo populista e corrupto:** Mais uma vez percebemos a intenção da *Veja*. De forma não neutra, anuncia prematuramente o fim da era do PT à frente do Brasil e acusa-o de populismo e corrupção, enquadrando ainda mais a narrativa numa direção particular.

A revista utiliza essas declarações para moldar uma narrativa particular que reforça a sua perspectiva sobre a situação, enfatizando os aspectos negativos do governo e o seu potencial desaparecimento. Isso ilustra o poder dos meios de comunicação social para influenciar a opinião pública e o discurso.

Esses dados, utilizando linguagem verbal e não verbal, demonstram a falta de neutralidade da revista no que diz respeito à política brasileira. Segundo Bakhtin (1997, p. 113):

Através das palavras, defino-me em relação aos outros, em última análise, em relação à comunidade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se se apoia em mim numa ponta, na outra se apoia no meu interlocutor. A palavra é o território comum do falante e do ouvinte.

### Considerações finais

O objetivo deste artigo foi analisar uma capa da *Veja* para investigar como a mídia brasileira, representada pela revista, mobilizou recursos verbais e não verbais para legitimar o processo de impeachment de Dilma Rousseff, utilizando a abordagem teórica do Círculo de Bakhtin. A escolha desse tema deu-se pela necessidade de compreender como a mídia influencia a opinião pública e pelo intuito de alertar para a importância de desenvolver uma consciência crítica nos leitores.

A hipótese inicial da investigação era de que a mídia, visando a seus próprios interesses, manipula informações para promover seu posicionamento ideológico em relação a Dilma Rousseff e também a Lula, considerado um mentor da ex-presidenta. Em tese, a *Veja* utiliza

esses recursos sob o pretexto de imparcialidade, aproveitando sua reputação como uma das principais revistas do país para moldar a narrativa dos eventos de acordo com suas agendas, potencialmente influenciando a percepção pública e moldando o pensamento dos cidadãos brasileiros.

De acordo com a perspectiva bakhtiniana, há uma conexão intrínseca entre as relações sociais e a história. No estudo das relações dialógicas, os sujeitos interagem socialmente, criando significados no discurso. Ao escolhermos o gênero "capa de revista" como nosso foco de pesquisa, estamos considerando os estudos do Círculo de Bakhtin. Observamos que as relações dialógicas nas capas representam a interação inicial entre o que está sendo destacado (produto), quem está enunciando (*Veja*) e o leitor, dentro de um contexto sócio-histórico.

Nossa investigação aponta para a falta de imparcialidade da revista *Veja* e sua falha em cumprir sua responsabilidade social como veículo de informação. Isso se evidencia em sua clara inclinação em desfavor de Dilma e do PT, legitimando o processo de impeachment. A revista adota esse posicionamento por meio de recursos verbais e não verbais que buscam influenciar o leitor em direção a uma interpretação ideológica específica dos eventos políticos do país.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e a filosofia da linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

PEREIRA, Rodrigo Acosta; RODRIGUES, Rosângela Hammes. O conceito de valoração nos estudos do Círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. **Linguagem e (Dis)curso**, Tubarão, v. 14, n. 1, p. 177-194, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/KTGv6yBxFHQFVDCqTjdmRXk/?format=pdf>. Acesso em: 13 mar. 2023.

RODRIGUES, Natália W. Entenda melhor o que são medidas macroprudenciais e atuação na economia. Disponível em: Acesso em: dez. 2023.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 48, n. 32, 12 de ago. 2015.